

## CLIPPING

16/2019  
17 de Maio de 2019

## EDUCAÇÃO

- Lucro da Somos Educação cai 60% no trimestre com nova regra contábil
- Kroton tem lucro líquido de R\$318,7 mi no 1º tri, queda de 34,2%
- Faculdades privadas devem ter mais um ano de receita fraca
- Verba livre de universidades federais retrocede uma década
- StartSe vai abrir universidade corporativa
- Lucro da Somos Educação cai 60% no trimestre com nova regra contábil
- Lucro da Kroton cai 47,4% e atinge R\$ 250,1 milhões no 1º trimestre
- Ibovespa recua com exterior desfavorável; Kroton lidera perdas após resultado
- Ensino privado e EaD são incapazes de suprir vácuo de universidades públicas
- Instituições federais pedem ao MEC liberação de recursos
- MEC quer aperfeiçoar processo de revalidação do diploma de medicina



## Lucro da Somos Educação cai 60% no trimestre com nova regra contábil

A Somos Educação reportou queda de 60% no lucro líquido do primeiro trimestre de 2019, para R\$ 45,5 milhões, resultado da adoção da nova regra para arrendamento. No mesmo período de 2018, a companhia havia registrado lucro de R\$ 113,1 milhões.

A receita caiu 10%, para R\$ 513,7 milhões, devido principalmente à redução na receita relacionada ao ensino básico, mas a empresa conseguiu melhorar a margem bruta com redução de 15% nos custos.

Ao fim do período, a Somos possuía dívida líquida de R\$ 1,77 bilhão, incremento de 41,2% ante o primeiro trimestre de 2018. Houve consumo operacional de caixa de R\$ 42 milhões, ante geração de R\$ 110,8 milhões no mesmo trimestre do ano anterior.

Se forem desconsiderados os efeitos da aplicação da nova norma contábil para arrendamento para os números dos primeiros trimestres de 2018 e de 2019, o lucro líquido teria aumentado 31%.

Ao fim do período, a Somos possuía 1,4 milhão de alunos em contratos de longo prazo do ensino básico, crescimento de 16,6% frente ao primeiro trimestre de 2018. No segmento de escolas próprias, eram 27 mil alunos matriculados em 40 escolas. Em todas as operações da Red Balloon, o trimestre terminou com 25,8 mil alunos matriculados em 125 unidades.

Em seu comunicado, a empresa informa que, em 10 de maio de 2019, data da liquidação da operação, a Saber passou a ser titular de 99,84% do capital social da Somos.

De acordo com o texto, “a nova gestão continua realizando importantes avanços dentro das 12 frentes de acompanhamento, que estão garantido uma expressiva captura de sinergias e ganhos de eficiência”.

**Fonte: Valor**



## Kroton tem lucro líquido de R\$318,7 mi no 1º tri, queda de 34,2%

### ***Empresa disse que o desempenho foi afetado por despesas financeiras e amortização do "intangível decorrentes da aquisição de Somos"***

A Kroton Educacional divulgou nesta quarta-feira um recuo de 34,2% no lucro líquido ajustado consolidado do primeiro trimestre na comparação com o mesmo período do ano passado, para 318,692 milhões de reais.

A empresa de educação disse que o desempenho foi afetado por despesas financeiras e amortização do "intangível decorrentes da aquisição de Somos".

O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) ajustado atingiu 750,818 milhões de reais no período, alta de 12,5% ano a ano. A margem Ebitda, contudo, recuou 8,1 pontos percentuais, para 40,9%.

A receita líquida nos primeiros três meses do ano somou 1,837 bilhão de reais, acréscimo de 34,8%, refletindo a aquisição da Somos, de acordo com a empresa.

Ao fim de março, a Kroton contava com um total de 960,941 mil alunos, contra 856,197 mil estudantes no final de 2018 e 997,183 mil alunos no final de março de 2018.

A Kroton também divulgou estimativas para 2019, quando espera receita líquida de 7,353 bilhões de reais, Ebitda de 3,240 bilhões de reais, com margem Ebitda de 41,3 por cento, e lucro líquido ajustado de 1,348 bilhão de reais.

**Fonte: DCI**

## Faculdades privadas devem ter mais um ano de receita fraca

Com a crise econômica e menos recursos do Fies, o programa de financiamento estudantil do governo, 2019 vai ser mais um ano difícil para o ensino superior privado. A receita líquida de Kroton, Estácio e Ser Educacional - os três maiores grupos educacionais com capital aberto, que juntos detêm 35% do mercado - patinou no primeiro trimestre e não deve apresentar ganhos expressivos no decorrer do ano. Nessas companhias, houve retração de 0,3% a 4,1% na receita proveniente dos cursos de graduação nos três primeiros meses do ano, quando ocorre o principal processo de captação de alunos. Ontem, a Kroton divulgou projeções de desempenho para o ano com uma estimativa de queda de 2,4% na receita líquida e de 4,6% no lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) no negócio de ensino superior. "Desde 2014, quando o governo mudou as regras do Fies, sabíamos que 2018 e 2019 seriam anos altamente desafiadores. E esse é certamente o caso. O 'guidance' [projeção] para 2019 reflete todos esses desafios", destaca relatório do BTG, assinado pelos analistas Rodrigo Gastim e Guilherme Palhares. Ontem, as ações da Kroton, líder no mercado brasileiro, encerraram o pregão com desvalorização de 6%, a maior queda do Ibovespa.

A grande dificuldade do setor está na graduação presencial, que cresceu nos últimos anos na esteira do boom do Fies e tem mensalidades mais altas quando comparada aos cursos de ensino a distância.

Além disso, um grande contingente de alunos que ingressou na faculdade com Fies nos últimos anos agora está se formando, reduzindo a base total de estudantes.

A graduação on-line é que tem compensado as perdas dos cursos presenciais. Nessa modalidade, o volume de calouros de Kroton, Estácio, Ser Educacional e Ânima teve um crescimento médio de 7,4%, enquanto no ensino presencial esse percentual foi de 1,3%. Num cenário de dificuldades para aumentar a receita, as faculdades vêm investindo fortemente em iniciativas nas quais o valor da mensalidade é determinado conforme a demanda por praça. Essa estratégia ajudou a Estácio a conseguir um aumento de 12,6% no volume de calouros, puxado pelos cursos a distância.

A Kroton, que amargou uma queda de 34,2% no lucro líquido do primeiro trimestre, também não deve ver aumento expressivo no seu negócio de educação básica neste ano. Isso porque os contratos de venda de materiais escolares e prestação de serviços válidos para 2019 já haviam sido firmados quando a companhia concluiu a aquisição da Somos Educação, em outubro de 2018. Os indicadores de lucro, margem e Ebitda foram impactados negativamente pela Somos, que tem menor rentabilidade. A margem Ebitda da Kroton caiu 8,1 pontos percentuais, para 40,9%, no trimestre.

"A aquisição da Somos muda muito o perfil da Kroton.



No ensino superior, entre 2017 e 2018, fizemos muitos investimentos que começam a gerar resultados a partir de 2019, que ainda será um ano desafiador", disse Rodrigo Galindo, presidente da Kroton, durante teleconferência para analistas e investidores.

A líder do setor divulgou, pela primeira vez, sua expectativa de geração de caixa após capex (investimentos) para o negócio de ensino superior, que deve ficar em R\$ 650 milhões, um aumento de 12% quando comparado a 2018. "A geração de caixa representa uma conversão de cerca 20% sobre os R\$ 3 bilhões de Ebitda (com Somos).

Sim, o negócio da Kroton mudou, com os financiamentos consumindo capital de giro, então nós não esperamos uma volta para os patamares históricos de 60%, 70%. No entanto, em 2019, a conversão de caixa pós-capex deve ser 50% maior e deve continuar melhorando em 2020", destaca relatório do Itaú BBA. "A geração de caixa é um ponto de inflexão da companhia", disse Galindo, ressaltando que os resultados positivos devem vir a partir de 2020.

**Fonte: Valor**

## Verba livre de universidades federais retrocede uma década

### ***Custeio e investimento caem desde 2014; despesa com pessoal ocupa espaço***

Com o bloqueio de despesas promovido pelo governo Jair Bolsonaro (PSL), as verbas de livre manejo nas universidades federais retrocederam ao patamar de uma década atrás.

O contingenciamento de 30% dos recursos repassados pelo Tesouro Nacional reduziu o montante disponível para o custeio e os investimentos dessas instituições a R\$ 5,2 bilhões neste ano.

Trata-se, de longe, da menor cifra em valores corrigidos pela inflação desde 2008 —época em que o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) dava os primeiros passos de um programa de expansão do ensino superior, batizado de Reuni. Havia, então, 54 estabelecimentos vinculados ao Ministério da Educação. Hoje, são 68 a receber dinheiro do Tesouro, incluindo 5 ainda em processo de criação.

Se as verbas livres passam por um processo de estrangulamento, a política petista levou a uma disparada dos gastos de caráter obrigatório nas universidades, basicamente destinados a salários e aposentadorias de professores e servidores administrativos.

Esses desembolsos saltaram de R\$ 22,8 bilhões, em 2007 (valores atualizados pelo IPCA), ano de lançamento do Reuni, para R\$ 38,1 bilhões orçados neste ano e não sujeitos à tesoura do MEC.

Motivado por contratações e reajustes salariais, o aumento real dessa despesa chega a 66,8% no período.

A taxa é bem superior à do crescimento do gasto não financeiro total do governo nesse período, de 58,5%. Dito de outra maneira, os encargos com pessoal ativo e inativo das universidades passaram a ocupar uma fatia maior do Orçamento da União.

Só o número de docentes em atividade nas instituições federais elevou-se de 56,8 mil, em 2007, para 95,8 mil em 2017, conforme os dados mais recentes sobre o ensino superior coletados pelo Inep, instituto ligado ao MEC.

Na primeira metade dessa ofensiva expansionista, a alta dos desembolsos com o quadro de funcionários foi acompanhada de mais verbas para custeio e investimento.

Os compromissos administrativos das instituições incluem miudezas de diversas naturezas —água, energia elétrica, limpeza, vigilância, alimentação, passagens aéreas e viagens, entre outras.

Já os investimentos são compostos principalmente por obras de ampliação e reforma dos campi, além da compra de equipamentos de informática, utensílios para laboratórios e veículos. Os recursos de livre manejo atingiram um auge em 2013, quando somaram R\$ 10,8 bilhões em valores atuais. A partir daí, a tendência de declínio se tornou evidente ano a ano.

O crescente desequilíbrio do Orçamento federal e o intervencionismo do governo Dilma Rousseff (PT) levaram à recessão econômica, que por sua vez derrubou a arrecadação tributária e agravou a escassez de recursos.



Despesas obrigatórias, por definição, não podem ser cortadas — e, no caso das universidades, elas continuaram em alta mesmo durante a crise. Os ajustes forçados atingiram, portanto, as verbas da manutenção das instituições.

Em 2015, após a reeleição de Dilma, os gastos discricionários tiveram queda de 15,5%. Naquele ano, as federais promoveram a greve mais longa de sua história, de 139 dias.

Se mantido até dezembro, o arrocho deste ano será ainda mais agudo: os desembolsos hoje autorizados estão 26,1% do montante de 2018.

Além disso, os encargos com a folha de salários e aposentadorias crescerão, de acordo com o Orçamento, abaixo da inflação esperada. Os docentes receberão a última parcela de um reajuste escalonado aprovado em lei.

### **NÚMERO DE ALUNOS E ACESSO DE POBRES À UNIVERSIDADE CRESCERAM**

A expansão do sistema universitário federal resultou em um salto de 87% no número de alunos de graduação, passando de 600 mil em 2008 para 1,1 milhão em 2017, segundo dados das entidades.

Ainda houve uma mudança no perfil dos estudantes, reflexo da interiorização de campi e da Lei de Cotas, de 2012.

Entre os alunos de graduação, 70,2% tinham, em 2018, renda per capita de até um salário mínimo e meio. Em 2010, esse percentual era de 43,7%.

É o que diz a Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das Instituições Federais de Ensino Superior, da Andifes (entidade que representa os reitores), apresentada nesta quinta-feira (16).

No ano passado, 60,4% dos graduandos das federais haviam cursado o ensino médio em escola pública. Esse índice era de 44,8% em 2010. O percentual de alunos negros (pretos e pardos) chegou a 51,2% no ano passado, contra 47,6% em 2014.

“A necessidade do sistema envolveria a ampliação de recursos, com demanda não atendida de assistência estudantil”, diz o reitor da UFBA (Universidade Federal da Bahia), João Carlos Salles. Segundo ele, as instituições têm promovido repactuação de contratos e redução de pessoal terceirizado.

Segundo Edward Brasil, reitor da Universidade Federal de Goiás, há prejuízos na gestão de segurança, limpeza e também em obras necessárias.

**Fonte: Folha de SP**

## StartSe vai abrir universidade corporativa

Palo Alto, na Califórnia, tem papel de destaque no mundo da inovação. Sede da Universidade Stanford, foi na cidade que nasceu a primeira empresa de garagem, em 1939, quando Bill Hewlett e David Packard fundaram a HP. A cidade também foi a primeira sede do Facebook e é lar do fundo de investimento Ribbit Capital - que já investiu nas startups brasileiras Nubank, Guia Bolso e Conta Azul.

E nesse ambiente cheio de simbologia que a StartSe - criada em 2015 por ex- sócios da XP para atuar no ecossistema de startups - decidiu instalar sua mais nova iniciativa, a StartSe University. O espaço de 500 metros quadrados, que fica bem perto da garagem da HP e de Stanford, terá sala de aula para 100 pessoas, área para experimentação de tecnologias e laboratório de inteligência artificial montado em parceria com a Olivia, fintech criada por brasileiros no Vale do Silício. Ao todo, foram investidos R\$ 5 milhões para montar a estrutura e o modelo de universidade. A inauguração está prevista para junho.

A universidade é uma evolução das viagens para o Vale do Silício que a StartSe começou a organizar em 2016. As missões, como também são chamadas, têm duração de uma semana e contam com grupos de 25 a 30 pessoas. Nos últimos três anos, duas mil pessoas participaram dos programas. Mais recentemente a empresa também passou a organizar missões para outros locais, como China (onde montou um escritório) e Israel.

De acordo com Pedro Englert, presidente da companhia, a ideia é ter programas para pessoas e empresas com abordagem bastante prática. "A Singularity University fala do futuro. A StartSe fala do presente", diz Englert. A companhia está se tornando uma empresa de educação executiva, afirma o empresário, com foco no conceito de aprendizado continuado. "Ao invés de vender produtos, vendemos desenvolvimento pessoal", afirma.

Segundo Englert, a Olivia está ajudando na criação de um assessor educacional baseado em inteligência artificial para vender cursos aos usuários da StartSe. Com a nova unidade, a companhia pretende expandir suas operações para além dos brasileiros, atendendo também grupos internacionais.

As missões para o Vale do Silício são a principal fonte de receita da StartSe. Em 2019, a expectativa é obter R\$ 30 milhões com o segmento, pouco menos da metade da meta total de R\$ 70 milhões para o ano. Os programas para a China somarão outros R\$ 10 milhões. A StartSe também promove eventos voltados ao mundo do empreendedorismo e da inovação.

Em 2018, a companhia obteve receita de R\$ 36 milhões. O valor ficou um pouco abaixo do plano inicial, de chegar a R\$ 50 milhões. O ritmo mais lento foi resultado da decisão de preservar a rentabilidade para garantir folga de caixa capaz de financiar o investimento na StartSe University, diz Eduardo Glitz, sócio da empresa.







Da meta de R\$ 70 milhões para este ano, 86% (R\$ 60 milhões) estão praticamente garantidos, afirma Englert. Os R\$ 10 milhões restantes vão exigir esforço adicional ao longo do ano.

Atualmente, a StartSe tem 54 funcionários - 21 deles com status de sócio sob o modelo de gestão da companhia. Até o fim do ano, a expectativa é que sejam contratadas 16 pessoas. "Os investimentos em tecnologia e na plataforma estão permitindo que a gente cresça sem aumentar a estrutura proporcionalmente", afirma Englert.

**Fonte: Folha de SP**

## Lucro da Somos Educação cai 60% no trimestre com nova regra contábil

A Somos Educação reportou queda de 60% no lucro líquido do primeiro trimestre de 2019, para R\$ 45,5 milhões, resultado da adoção da nova regra para arrendamento. No mesmo período de 2018, a companhia havia registrado lucro de R\$ 113,1 milhões.

A receita caiu 10%, para R\$ 513,7 milhões, devido principalmente à redução na receita relacionada ao ensino básico, mas a empresa conseguiu melhorar a margem bruta com redução de 15% nos custos.

Ao fim do período, a Somos possuía dívida líquida de R\$ 1,77 bilhão, incremento de 41,2% ante o primeiro trimestre de 2018. Houve consumo operacional de caixa de R\$ 42 milhões, ante geração de R\$ 110,8 milhões no mesmo trimestre do ano anterior.

Se forem desconsiderados os efeitos da aplicação da nova norma contábil para arrendamento para os números dos primeiros trimestres de 2018 e de 2019, o lucro líquido teria aumentado 31%.

Ao fim do período, a Somos possuía 1,4 milhão de alunos em contratos de longo prazo do ensino básico, crescimento de 16,6% frente ao primeiro trimestre de 2018. No segmento de escolas próprias, eram 27 mil alunos matriculados em 40 escolas. Em todas as operações da Red Balloon, o trimestre terminou com 25,8 mil alunos matriculados em 125 unidades.

Em seu comunicado, a empresa informa que, em 10 de maio de 2019, data da liquidação da operação, a Saber passou a ser titular de 99,84% do capital social da Somos. De acordo com o texto, “a nova gestão continua realizando importantes avanços dentro das 12 frentes de acompanhamento, que estão garantido uma expressiva captura de sinergias e ganhos de eficiência”.

**Fonte: Valor**

## Lucro da Kroton cai 47,4% e atinge R\$ 250,1 milhões no 1º

A Kroton reportou lucro líquido de R\$ 250,1 milhões no primeiro trimestre de 2019, resultado 47,4% menor do que o reportado no mesmo período do ano anterior. No critério ajustado por amortização de intangível e mais valia de estoque, o lucro líquido caiu 34,2%, para R\$ 318,692 milhões.

O Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) atingiu R\$ 750,818 milhões no primeiro trimestre de 2019, 12,5% a mais que o dos mesmos meses de 2018.

Com a aquisição da Somos Educação, a receita líquida da Kroton entre janeiro e março cresceu 34,8%, chegando a R\$ 1,837 bilhão.

### Atualizações

A Kroton atualizou seus guidances para 2019, prevendo que o Ebitda consolidado chegue a R\$ 3,040 bilhões, 21,1% a mais que no ano anterior.

Para o lucro líquido ajustado do ano, a empresa espera alta de 14%, para R\$ 1,348 bilhão, com parte dos ganhos do Ebitda sendo consumidos por aumento das despesas financeiras devido a um maior endividamento da empresa, e elevação no nível de depreciação. Esses fatores decorrem da aquisição da Somos, segundo a Kroton.

Nas expectativas que desconsideram os 80 dias de resultados da Somos, o guidance para o Ebitda é R\$ 2,45 bilhões, com margem de 45,2%, alta de 1,2% e de 1,6 ponto porcentual em relação a 2018.

A Kroton também apresentou, pela primeira vez, suas projeções para geração e conversão de Caixa Operacional pós Capex (excluindo os investimentos em expansão), que devem atingir R\$ 650 milhões e 26,5%, elevações de 12,0% e 2,6 p.p., colocando a empresa em trajetória de crescimento já em 2019.

### Somos Educação

A Somos Educação reportou no primeiro trimestre de 2019 lucro líquido ajustado de R\$ 45,5 milhões, 31,3% acima do mesmo período de 2018.

**Fonte: DCI**



## Ibovespa recua com exterior desfavorável; Kroton lidera perdas após resultado

A bolsa paulista retomava o viés negativo nesta quarta-feira, após experimentar trégua na véspera, mais uma vez pressionada pelo cenário externo desfavorável com dados chineses mais fracos do que o esperado, enquanto Kroton liderava as perdas do Ibovespa após resultado trimestral e estimativas para 2019.

Às 10:18, o Ibovespa <.BVSP> caía 1,75 por cento, a 90.478,51 pontos.

**Fonte: DCI**



## Ensino privado e EaD são incapazes de suprir vácuo de universidades públicas

**Com alta taxa de evasão e menos espaço para desenvolver pesquisas científicas, faculdades pagas precisarão investir ainda mais para dar suporte em um momento difícil para a educação gratuita**

Diante do contingenciamento dos recursos federais para universidades públicas, a graduação particular, em especial o Ensino a Distância (EaD), ganha força. Apesar do potencial, a modalidade tem hoje taxa de evasão na casa dos 35% e especialistas reforçam a importância da esfera pública para fomentar pesquisas.

“O Ensino a Distância é importante para formação de mão de obra especializada e ótima forma de capacitar pessoas com mais de 30 anos ou com menos recursos financeiros, mas não tem a capacidade, nesse momento, de suprir o desenvolvimento de pesquisas científicas no Brasil”, afirmou o doutor em tecnologia para educação e ex-professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), Robson Caetano Assumpção. De acordo com ele, a diminuição das bolsas do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) também devem levar mais jovens à modalidade de ensino, o que favorece um ambiente mais promissor para empresas que atuam no setor. O problema, avalia o acadêmico, reside na ainda alta taxa de evasão de cursos EaD. Prova disso foi apontado no Estudo Evasão e Migração no Ensino Superior Brasileiro feito pelo Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo (Semesp).

Segundo o estudo, enquanto as universidades públicas e privadas presenciais perdem, em média, 25,9% dos alunos, quando avaliado apenas o EaD a taxa chega a 34,3% ainda no primeiro ano de curso.

“Atualmente, o EaD tem 1,8 milhão de alunos, com taxa de crescimento de 20% ao ano. Mas pelas características, flexibilidade, preços baixos, atrai principalmente alunos mais velhos, com faixa etária acima de 29 anos, a maioria com condições financeiras menos favorecidas e muitas vezes com alguma carência nos ensinos fundamental e médio”, comentou Rodrigo Capelato, diretor executivo do Semesp.

De acordo com ele, um dos dados que corroboram para esta alta evasão é que 51% dos alunos que deixaram o EaD achavam que o modelo era mais fácil, seguido de 49% que alegaram falta de tempo. Capelato avalia ainda que o estudo derruba o mito de que é apenas o problema financeiro que tira o aluno do curso, já que, se fosse esse o caso, não haveria o percentual de evasão das públicas tão próximo ao das privadas. “A escolha do jovem em relação à carreira tem sido influenciada pelo preço e pela concorrência candidato x vaga. Eles não estão entrando vocacionados para o curso escolhido. Precisamos rever os modelos e critérios do ensino superior”, afirmou Capelato.

Por renda familiar, o estudo do Semesp apontou que 50% dos alunos que evadem têm de 1,5 a 4,5% salários mínimos.



Diante de tal dado, Capelato reforça a necessidade de política de financiamento estudantil como um dos fatores para o Brasil cumprir a meta 12 do Plano Nacional de Educação, que prevê taxa de escolarização líquida de 33%, até 2020.

Na evasão por cursos, Administração, segundo curso mais procurado no Brasil, registrou a maior evasão, 32,3%.

### **Somar, não subtrair**

Modelo contemporâneo de ensino, o EaD ainda possui amplo potencial e crescimento, principalmente para cursos de extensão, pós graduação e especializações, mas não tem a capacidade de suprir a lacuna de pesquisa que pode surgir com o contingenciamento de 30% no orçamento não obrigatório dos recursos federais para as instituições públicas, anunciadas este mês pelo ministro da Educação, Abraham Weintraub.

“As universidades federais são hoje um polo importante de fomento de ciência e desenvolvimento de pesquisas. As universidades particulares também são importantes para o desenvolvimento do País, mas não é uma questão de subtrair uma ou outra, mas somar as forças do ensino superior. Esse precisa ser o coro de todos”, disse Assumpção.

Nesse sentido, ele avalia que o papel das instituições particulares de ensino precisam se reconectar com o desenvolvimento de pesquisas, criar formas alternativas de oferecer bolsas para tentar suprir ao menos parte da fragilidade que pode se dar na esfera pública.

“Elas precisam investir mais no desenvolvimento de pesquisas e não focar apenas em números de matrículas. Elas são essenciais nesse momento delicado do ensino”, comenta.

**Fonte: DCI**

## Instituições federais pedem ao MEC liberação de recursos

Em reunião, hoje (16), com o ministro da Educação, Abraham Weintraub, representantes de instituições federais de ensino superior pediram a antecipação de recursos não contingenciados previstos para serem liberados no segundo semestre.

“O contingenciamento de 30% estaria ainda colocado. Colocamos então a necessidade de liberação de limites dentro dos 70%. O ministro disse que essa questão teria que ser analisada individualmente, universidade por universidade. Não sinalizou a liberação dos 70% ainda neste semestre”, relatou o presidente Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, Reinaldo Centoducatte, após a reunião.

Nos últimos dias, foi anunciado um contingenciamento de 30% dos recursos discricionários para as instituições federais de ensino superior. As despesas discricionárias são, por exemplo, contas de luz, água, insumos de pesquisas e pagamentos de terceirizados. Não estão incluídos nessa conta os salários dos servidores.

O secretário-executivo do Ministério da Educação, Antonio Paulo Vogel, disse que foram empenhados, em média, 28,9% dos recursos para gastos discricionários das instituições federais de ensino superior. Segundo ele, o indicativo é empenhar 40% do recurso até junho.

“Temos 100% do orçamento, contingenciamos 30%, temos 70% para executar. o que foi empenhado até o momento, na média das universidades, foi 28%.

As universidades estão muito longe do limite que elas possuem. Existe um sublimite de 40% que é discutido universidade a universidade”, disse Vogel.

O secretário-executivo destacou que o ministro está aberto a receber reitores das instituições federais para discutir caso a caso as necessidades de cada uma.

**Fonte: Agência Brasil**

## MEC quer aperfeiçoar processo de revalidação do diploma de medicina

### **Portaria criando o grupo de trabalho está publicada no DO de hoje**

Grupo de trabalho com a finalidade de estudar e propor medidas para o aperfeiçoamento do processo de revalidação dos diplomas de graduação de medicina foi instituído pelo Ministério da Educação (MEC), de acordo com portaria publicada na edição desta quinta-feira (16) do Diário Oficial da União.

O grupo será formado representantes da Secretaria de Educação Superior do MEC, do Instituto Nacional de Educação e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e Conselho Federal de Medicina (CFM).

Os integrantes do grupo de trabalho terão um prazo de 60 dias, a contar partir da publicação da portaria, para a conclusão de suas atividades e apresentar ao ministro da Educação uma proposta para aperfeiçoar o atual processo de revalidação do diploma de medicina.

O grupo poderá convidar para participarem de suas atividades representantes de órgãos e entidades públicas e privadas, além de pesquisadores e especialistas, que possam contribuir para o trabalho.

**Fonte: Agência Brasil**